

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 523	Redacção — Atelier de Gravura Administração
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$500	1\$900	6900	6120	I DE JULHO DE 1893	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 1 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Decididamente a virtude está se desacreditando d'uma maneira desastrosa e fazendo uma figura tristissima n'este fim de seculo.

Contei-lhes outro dia aqui o papel ridiculo que ella representou em Madrid no processo da Bella Chiquita, encarnada n'essa associação eminentemente comica e divertida que sob o titulo vaudevillesco de *Sociedade dos Paes de Familia* está fornecendo á imprensa madrilena um manancial de bellas blagues e de boas troças, e hoje já tenho que fallar outra vez d'ella, d'essa virtude espectral, d'essa *bonne e digne femme!* que inspirou a Theophile Gautier as melhores paginas do seu celebre prefacio da *Maupin*, que deitou outra vez os bracinhos de fora, e que ao mesmo tempo que está divertindo hilarantemente a galeria em Madrid, está dando tambem que fallar de si em Paris e alegrando os bons parisienses, muito mais do que as *chansonnettes* de Yvette Guilbert, os contos de Armand Sylvestre, os vaudevilles de Valabrègue, os monologos de Galpaux, e as scenas comicas de Paulus.

A Sociedade dos Paes de Familia de lá, intitula-se a *Liga contra a licença das ruas*, ou *Liga dos virtuosos nemphars* como lhe chama Albert Bataille, o chronista judicial do *Figaro*.

Não sei d'estas duas sociedades, qual é a original, qual é a traducção: não sei se a primeira é que tem o *brevet d'invention*, ou se é a madrilena que cahem as honras da primazia; o que sei é que ellas ambas

existem, ambas ellas funcionam em nome da virtude e com grande gaudio do publico, dos jornalistas e até dos proprios magistrados, a quem incommodam com os seus processos grotescos e que se vingam molhando tambem a sua sopa, n'essas burlescas agremiações virtuosas.

O representante dos Paes de Familia de Madrid que levou aos tribunaes a Bella Chiquita e o baile do ventre, n'aquella audiencia patusca de que na nossa ultima chronica demos uma amostra aos nossos leitores chamava-se D. Carlos Gutierrez. O sr. Gutierrez de Paris é senador, e chama-se Berenger, um nome sureolado pela gloria mais

jovial e mais gauleza, que está a jogar a pancada com a Liga de que elle é representante.

O sr. Berenger denunciou á justiça de Paris um baile de estudantes de bellas artes e de modelos de atelier, que houve o inverno passado, á porta fechada, n'uma das salhas do Moulin Rouge e fez com que esses estudantes e esses modelos comparessem ante o Tribunal Correccional do Sena.

Eu não sei se esse baile de pintores, esculptores, modelos e jornalistas foi ou não offensivo da moral. Se o foi, foi á porta fechada, sem escandalo publico e não percebo muito bem o que tenha a ver com esse baile, dado particularmente n'uma

casa, a Liga contra a licença nas ruas, e em todo o caso fosse ou não fosse offensivo á moral, muito mais offensivo d'ella foi o julgamento promovido, provocado, pela tal Liga virtuosa, tão offensivo que não nos atrevemos a traduzir para aqui a chronica d'essa audiencia, nem as respostas dos réus e das réas, nem os depoimentos das testemunhas, que assistiram ao baile, entre as quaes figurava um commissario de policia, nem mesmo sequer o interrogatorio do juiz, em que esse bom magistrado gaulez se divertiu mettendo galhofeira a unha nos pormenores da festa denunciada pela famosa Liga.

O representante do ministerio publico sentiu tanto o ridiculo da accusação, que em vez d'accusar quasi que defendeu os reus, pedindo para elles o minimo da multa com applicação da lei Berenger, allusão feita ao representante da Liga, que foi acolhida com gargalhadas por toda a sala.

Quem no fim de contas defendeu o senador representante dos Paes de Familia foi o advogado d'uma das accusadas, que desculpou os *vieux messieurs* por não perdarem ás *jeunes gens* que se divertem.

— Nunca é agradável, concluiu elle,



S. A. A. DUQUEZA VIUVA DE MONTPENSIER

ver uma mesa bem servida quando já se não tem appetite nem dentes.

E assim acabou alegremente, espiritualmente esse ridiculo processo, de que com certeza saem todos absolvidos, e apenas um condemnado, como diz sensatamente o chronista Bataille — o sr. Berenger, que denunciou como um crime o *gaudeamus igitur* da mocidade.

Com certeza não teriamos perdido tempo e espaço com este singular e grotesco processo, se elle fosse isolado, mas não foi. Teve antes o da *Bella Chiquita*, a que nos referimos largamente na nossa ultima chronica por dizer respeito a uma artista muito nossa conhecida, e tem depois um, não menos ridiculo, mas muito mais grave porque vae attentar contra as liberdades, que a sciencia são permitidas.

O sr. Berenger, representante da Liga não se contentou em perseguir uns estudantes que faziam as suas festas annuaes de atelier, os seus bailes tradicionais da *Quat'z-Arts*; lembrou-se de começar também a perseguir a sciencia, reque-rendo que seja chamado a policia correccional pelo crime de pornographia, que seja o livreiro George Carré editor do livro do dr. Alberto Moll — *As perversões do instincto genital*.

Ora o livro accusado é um estudo scientifico feito em allemão, por um medico illustre o dr. Moll, prefaciado por um dos mais celebres professores da universidade de Vienna de Austria o dr. Krafft-Ching e traduzido em francez pelo dr. Pactet, chefe da clinica das doenças mentaes na Faculdade de Medicina de Paris.

Bastam os nomes dos auctores e do traductor do livro, editado pelo livreiro Carré, para demonstrar a insanidade da accusação, accusação que indignou toda a imprensa franceza e todos os homens de sciencia e parece que o editor Carré vae por sua vez intentar uma acção de perdas e danos ao representante da Liga, pelos prejuizos causados ao seu credito commercial pela accusação do sr. Berenger.

E o dr. Gautier referindo-se a esta nova proeza da famosa liga diz e com muito bom senso:

«Emquanto o sr. Berenger se limitava a denunciar as dozes saturnaes do Baile dos Quat'z-Arts, ás quaes a sua intervenção apenas serviu para dar uma publicidade colossal, não era senão *rasant* e grotesco. Mas agora principiando a investir com a sciencia, que não pôde ter pudores, torna-se realmente intoleravel.»

E aqui tem o bonito e sympathico papel que esses inhabeis defensores da moral e da virtude estão fazendo em Paris e em Madrid.

Felizmente nós ainda cá não temos d'essas grotescas sociedades e Deus queira que nunca as tenhamos para bem da virtude e da moral.

Dissemos na nossa ultima chronica, que começara a debandada do verão, a emigração de Lisboa para o campo, para as estações d'aguas, para as villegiaturas, mas esquecemo-nos de notar o reverso da medalha, porque esta medalha do verão lisboeta também tem o seu reverso.

Ao mesmo tempo que uns vão outros vem; ao mesmo tempo que os lisboetas que vivem todo o inverno em Lisboa, aproveitam o verão para ir arejar, os lisboetas que vivem todo o inverno fóra de Lisboa, aproveitam n'ó para vir cá matar saudades.

E é assim que se vae reunindo em Lisboa uma especie de congresso d'artistas portuguezes, de aquelles que no inverno andam lá por fora a ganhar dinheiro e gloria pelos theatros estrangeiros e que quando o calor fecha os theatros vem a Portugal, matar saudades da Patria, abraçar a familia, apertar as mãos dos amigos.

Francisco de Andrade, o illustre barytono portuguez, que hoje é um dos primeiros barytonos do mundo, acaba de chegar.

Seu irmão, o tenor Antonio d'Andrade, esse está cá ha mais d'um mez; veio muito doente com um ataque d'influenza que depois se transformou n'um typho, que poz em risco os seus dias, mas que felizmente passou, achando se já o distincto artista em plena convalescença.

A prima donna Salud Othon, que não é portugueza, mas que em Lisboa foi creada que em Lisboa nasceu para a arte, no theatro da Trindade, onde uns poucos d'annos cantou e uns poucos d'annos nós a applaudimos e hoje começa a ser estrella no mundo lyrico, está também em Lisboa, com o seu marido, o nosso compatriota o sr. Faustino da Rosa, artista lyrico como ella.

Ha dias vimos no Chiado o barytono Bensau-

de, que varias épocas cantou na Trindade, que depois seguiu com éxito a carreira lyrica italiana. Bensaude vem a Lisboa de passagem para as ilhas, onde vae ver sua familia e no inverno segue para Trieste onde está escripturado.

No mesmo dia em que encontramos o barytono Bensaude, tivemos o enorme prazer de falar d'ali a momentos e no mesmo sitio, a uma grande artista portugueza, a maior de todas no seu genero, uma das *estrellas* mais radiantes da arte dramatica nacional, a Lucinda Simões.

Lucinda esteve dois annos no Rio de Janeiro, mas afastada do theatro e veio agora para Lisboa assentar definitivamente a sua residencia, parece porém que resolveu a não voltar para o theatro.

Se é essa a sua tenção que a não mantenha é o nosso ardente voto e é com certeza o de todos aquelles, que amam o theatro portuguez de que Lucinda Simões é uma das mais resplandecentes glorias.

Deve chegar por estes dias também a Lisboa uma cantora portugueza que está fazendo uma brilhante carreira no estrangeiro, a contralto Maria Judice, que vimos debutar em S. Carlos ha annos e que vae já rapidamente caminho de *estrella* no mundo lyrico.

E com todos estes artistas portuguezes que o acaso reuniu em Lisboa nos fins de junho, podia ter-se preparado qualquer espectáculo, um concerto senão uma opera, qualquer festa com que se commemorasse o centenario do theatro de S. Carlos, que passou hontem, dia 30 de junho.

Como referimos em tempo, n'uma das nossas chronicas ¹, ha mais d'um anno que se pensou na maneira de commemorar esse anniversario: aventaram se muitas idéas, de que aqui demos conta, mas no fim de tudo não se fez nada e o centenario de S. Carlos passou sem que ao menos mão caridoso accendesse uma luminaria festiva nas janellas d'esse edificio no dia em que elle completava cem annos.

Naturalmente reservam-se para o 2.º centenario!

Esteve muito doente com uma hepatite aguda, o nosso presado amigo e distincto artista o sr. J. M. Pereira Junior, pae do nosso estimado collega o sr. Esteves Pereira.

Felizmente o nosso bom amigo acha-se já restabelecido mercê da sciencia e sollicitude com que o tratou o illustre clinico homœopatha o sr. dr. Rebello da Silva.

Mais dois livros novos para a nossa conta: *Carta a El-Rei de Portugal sobre a situação do paiz e seus remedios*, pelo sr. Moniz Barreto. Uma brochura de 38 paginas, que vamos lêr e de que diremos proximo tempo.

Revista Portugueza, 1.º numero. Publicação mensal illustrada, do Porto, dirigida litterariamente pelo nosso presado collega o sr. Firmino Pereira, e artisticamente pelo sr. Courrage Junior. Desejamos-lhe larga e prospera vida.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

O CENTENARIO DO THEATRO DE S. CARLOS

Fez no dia 30 de junho findo cem annos que pela primeira vez se abriram ao publico de Lisboa as portas do theatro de S. Carlos.

Foi uma noite de festa, uma noite de enthusiasmo a da inauguração d'esse formoso theatro, que ainda hoje, passado um seculo, é o mais bello de Portugal, não soffrendo comparação com todos os outros que depois d'elle se tem construido no paiz.

Representou-se n'essa noite de inauguração, 30 de junho de 1763 a opera de Camarosa *La Ballerina amante*, executada só por homens — porque um decreto de D. Maria I, que só no fim do seculo foi revogado, prohibia expressamente que no palco se apresentassem mulheres. Os interpretes da *La Ballerina amante* foram os celebres castrados Capolarini, e Cavanna e os cantores Marchesi,

e Guariglia. A companhia d'esse primeiro anno do Theatro de S. Carlos, de que eram empresarios Francisco Antonio Lodi, e André Lenzi, era composta da seguinte fórma:

Prima-dona buffa — o castrado, Domingos Capolarini.

Outra prima dona buffa — o castrado, Natale Rossi.

Prima dona seria — o castrado, Michele Cavanna.

Segunda dona buffa — o castrado, Carlos Onesti.

Outra segunda dona buffa — o castrado, Pasquale Rossetti.

Segundas donas serias — os castrados, Paulo Boscoli, e Loretto Olivieri.

Primeiro buffo — Francisco Marchesi.

Primeiro buffo — Pietro Guariglia.

Primeiros mezzo-caractere — Miguel Sqhira, Francisco Franchi, e Pietro Jobit.

O corpo de baile era também exclusivamente composto d'homens, de modo que as bailarinas, eram homens vestidos de mulheres. A primeira bailarina seria, era o sr. José Bola.

O maestro compositor e director, era Antonio Leal Moreira. O pintor scenographo, Antonio Baila. O machinista, Joaquim Pereira. O alfayate, Domingos d'Almeida.

Foi em 1792, que se começaram as obras do Theatro de S. Carlos. Em Lisboa havia apenas tres theatros publicos, o do Salitre, o do Bairro Alto, e o da Rua dos Condes.

Era n'este ultimo que ordinariamente se dava operas e foi n'elle que esteve a celebre cantora Zamperini, que fez andar á roda a cabeça dos elegantes d'então, e que foi expulsa do reino em 1774, pelo marquez de Pombal, por causa dos seus amores com o conde d'Oeiras, filho do celebre ministro de D. José.

Em 1792, seis negociantes e capitalistas conhecidos, Joaquim Pedro Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas e Antonio José Ferreira Sola associaram-se para edificar um grande theatro para a exploração d'operas. O primeiro, Joaquim Pedro Quintella, depois barão de Quintella, cedeu o terreno, com a condição de ter *in perpetuo* para si e seus descendentes um grande camarote na ordem nobre, que então se chamava, o segundo andar das forçuras, junto ao proscenio, com entrada independente, camarote que em 1880 foi vendido a El-rei D. Fernando, por 21:070\$000 réis, e que nos ultimos annos da vida do augusto principe, era todas as noites occupado por elle, pela sr.ª condessa d'Edla, e pelo sr. infante D. Augusto. O risco do theatro foi do architecto José da Costa e Silva, copiado do Theatro de S. Carlos de Napoles ¹. As obras, de que foi mestre Joaquim Pereira, começaram em 8 de dezembro de 1792, e foram dirigidas por Sebastião Antonio da Cruz Sobral.

Duraram apenas 6 mezes essas obras, graças á sua boa direcção, e ao auxilio enorme que á edificação do novo theatro, prestou o celebre intendente Pina Manique, de quem damos hoje o retrato, e importaram ao todo incluindo, os trabalhos do aterro do picadeiro e paredão da rua do Outeiro para o largo de S. Carlos, apenas em réis 165:845\$196. Ao novo theatro foi dado o nome de S. Carlos, por proposta de Pina Manique, em honra da princeza Carlota Joaquina, esposa do principe D. João, depois El rei D. João VI, por occasião do nascimento da princeza da Beira, em 29 d'abril de 1793, dia em que se devia abrir o theatro, mas que não se abriu, por não estarem concluidas as obras.

Primitivamente o theatro de S. Carlos continha cinco ordens de camarotes, a 12 por ordem. As frisas A e B, não são da primitiva; foram construidas em 1850, no local até então occupado, pelos bancos para a policia. As ordens eram designadas por 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º, partindo de baixo para cima. O nome de forçuras, desapareceu mais tarde, ficando transformada em frizuras, para os camarotes do 1.º pavimento, que depois passaram a chamar-se frisas. O primitivo panno de bocca foi pintado por Cyrillo Wolkmar Machado. O tecto da sala, exterior dos camarotes, e algumas scenas, por Manuel da Costa, que também dirigiu a construção do palco. O interior da tribuna real foi pintado por Giovanni Maria Appiani.

Algumas scenas da 1.ª opera por Gaspar José Raposo, e as das danças, por Antonio Baila.

O theatro era illuminado a eho e a azeite, e só em 1850 é que passou a ser illuminado a gaz que ha poucos annos ainda foi substituido pela luz electrica. A sua primeira illuminação era feita por meio de candelabros, lustres, e placas dispostas

¹ Vide OCCIDENTE n.º 515.

(*) Vide OCCIDENTE n.º 508.

em roda da sala, e mais tarde esse systema de illumination foi substituido por um grande lustre para azeite, no meio da sala.

Os primitivos preços do theatro de S. Carlos, eram os regulados pelo alvará de 17 de julho de 1781, para os theatros d'operas e comedias italianas, a saber:

<i>1.ª andar das forçuras</i>	
4 camarotes do proscenio..... a	27400 réis
4 do fundo.....	37200 "
Dos lados.....	17600 "
<i>2.ª andar das forçuras</i>	
2 dos lados..... a	37200 réis
Outros.....	27000 "
<i>3.ª andar das forçuras</i>	
4 do proscenio..... a	27400 réis
5 do fundo.....	37200 "
Dos lados.....	17600 "
<i>4.ª andar das forçuras</i>	
5 do fundo..... a	27400 réis
4 do proscenio.....	17600 "
Varandas.....	7240 "
Plateia superior.....	7480 "
inferior.....	7400 "

Em 1854, o ministro da fazenda, Fontes Pereira de Meilo indemnizou os liquidatarios dos antigos proprietarios do theatro, passando S. Carlos a ser propriedade do Estado.

Desde a sua inauguração o theatro foi explorado por empresas que o arrendavam.

Até hoje essas empresas tem sido as seguintes: Francisco Antonio Lodi de sociedade com André Lenzi, desde 1793 até ao entrudo de 1799

Crescentini e Capolarini, paschoa de 1799 a entrudo de 1800.

Conde da Ribeira Grande, e por elle José Du-relli, paschoa de 1801 a entrudo de 1801.

Dr. Joaquim José de Sousa Bahiana, 6 d'abril de 1801, a 6 de julho de 1801.

Crescentini (de sociedade com os artistas) julho de 1801 a entrudo de 1802.

Francisco Antonio Lodi, paschoa de 1802 a entrudo de 1805.

Jacinto Fernandes Bandeira e J. Pereira Caldas, paschoa de 1805 a entrudo de 1808.

Francisco Antonio Lodi (obrigado pelo general francez Junot) 4 de maio de 1808 a 15 de setembro de 1809.

Francisco Antonio Lodi (obrigado pelo intendente de policia Lucas de Seabra e Silva) novembro de 1809 a fevereiro de 1810.

Sociedade dos artistas, 1811 a entrudo de 1812.

Manuel Baptista de Paula & C.ª (de sociedade com os actores) paschoa de 1812 a 1818.

Luiz Chiari (de sociedade com Mari) dezembro de 1818 a dezembro de 1820.

Antonio Simão Mayer, 1821 a maio de 1822.

João Baptista Hilberath e Margarida Bruni, maio de 1822, a janeiro de 1823.

Commissão administrativa nomeada pelo governo, presidida pelo barão de Quintella, janeiro de 1823 a junho de 1823.

João Baptista Hilberath, e Margarida Bruni, novembro de 1823 a junho de 1825.

Antonio Marrare, junho de 1825 a 1828.

Margarida Bruni, 1828.

Antonio Lodi, 1834 a 1836.

Antonio Porto, 1837 e parte de 1838.

Conde de Farrobo, 1838 a 1840.

Freitas Guimarães e Brandão (caixas do contrato do Tabaco) 1841 a 1842.

Vicente Corradini e Domingos Lombardi, janeiro a abril de 1843.

A. Gomes Lima & C.ª, maio de 1843 a setembro de 1844.

V. Corradini e D. Lombardi, 1844 a 1846.

Vicente Corradini, 1846 a 1850.

Cambiagio & C.ª (sociedade com Lucote e Frescata) 1850 a 1852.

Domingos José Marques Guimarães, sendo director A. Porto, 1852 a 1854.

Yorch & C.ª, 1854.

Martins & C.ª e depois Ruas & C.ª, 1855 a 1856.

Governo representado pelo commissario regio D. Pedro Brito do Rio, 1856 a 1860.

Vicente Corradini & C.ª, 1860 a 1861.

Frescata & C.ª (era socio A. Campos Valdez) 1861 a 1864.

Cossoul e C.ª (sociedade com Campos Valdez, Guilherme Lima e depois Bento da França) 1864 a 1873.

Ferreira & C.ª (sociedade com Castro Pereira e depois Troin) 1873 a 1876.

Pacini & C.ª (com uma sociedade por acções) 1876 a 1879.

Diogo Freitas Brito & C.ª, 1879 a 1883.

Governo, commissario regio Campos Valdez, 1883 a 1884.

Campos Valdez, 1884 a 1889.

Herdeiros de Campos Valdez, representado por Augusto Machado, Augusto Fuschini e Mattoso da Camara, 1889 a 1892.

Em 1892 dá-se essa empresa por fallida, o governo retira o subsidio ao theatro, e toma-o em concurso, em dezembro do mesmo anno, o empresario Freitas Brito.

Pelo palco do theatro de S. Carlos teem passado as maiores celebridades lyricas d'este seculo: os celebres castrados Capolarini, o illustre Crescentini, um dos mais famosos cantores do fim do seculo XVIII; a Catalani, a Gafforini, a Sicard, a Fabbri, a Barili, a Bocabadati, o Tamberlik, a Stoltz, a Novello, a Alboni, o Miraglia, o Nery Baraldi, o Beneventano, a Tedesco, o Malvezi, o Miratti, a Lotti, o Fracchini, a Fricci, o Mongini, a Volpini, a Reybala, a Borgi-Mamo, mãe e filha, as Marchisio, o Naudin, o Nicolini, o Petit, o Cotonni, o Pandofini, a Ortolani, a Galetti, a Sass, o Masini, a Vitali, o Aldighieri, o Bolis, a Cepeda, a Biancolini, o Tamagno, o Francisco d'Andrade, o Devoyod, a Donadio, o Gayarre, a De Reské, a Pasqua, a Devriés, a Sembrich, a Patti, a Nevada, a Van-Zandt, e a Theodorini.

Além d'artistas lyricos, muitas celebridades europeas, tanto musicas como dramaticas, se teem apresentado no palco de S. Carlos: O Paganini, o Listz, o Arthur Napoleão, Camillo Saint-Saens, Caetano Braga, Salvini, Rossi, Pasquali, Ristori, a Chaumont, o Dupuis, etc.

Para este artigo soccorremo-nos ao bello livro do illustre professor o Sr. Francisco da Fonseca Benevides, intitulado o *Real Theatro de S. Carlos*.

S. A. A DUQUEZA VIUVA DE MONTPENSIER

Chegou a Lisboa no dia 28 de junho a Senhora duqueza viuva de Montpensier, avó de S. M. a Rainha D. Amelia.

Esta illustre senhora, de que publicamos o retrato na primeira pagina d'este numero, veio pagar a visita que sua augusta néta lhe fez ha poucos mezes, em Sevilha, por occasião da grave doença que a accommetteu e que pôz em risco a sua preciosa vida.

A senhora duqueza de Montpensier veio no comboio, que chegou de manhã, e era esperada na estação Central do Rocio, por Suas Magestades e varios dignitarios da corte, e seguiu para o palacio da Pena, em companhia da Senhora, D. Amelia.

Conta estar poucos dias em Portugal, onde vem pela primeira vez.

S. A. D. Maria Luiza Fernanda de Bourbon, Infanta de Hespanha, Duqueza viuva de Montpensier, nasceu em Madrid a 30 de janeiro de 1832 e o seu nascimento foi um acontecimento importante para a politica de Hespanha como o seu casamento foi mais tarde um outro acontecimento não menos importante para a politica da Europa.

Tinha morrido a unica filha de Fernando VII e da Rainha Christina, e esta morte tinha vindo alentar a esperança dos partidarios do infante D. Carlos, que assim viam o caminho do throno desimpedido de mais herdeiros.

Chegara a crê-se que a Rainha Christina não teria mais filhos, e por isso o nascimento d'aquella princeza, foi o inicio da guerra civil, em Hespanha, ateadada pelos partidarios de D. Carlos, que só pelas armas viram então que poderiam vencer a sua causa.

Quatorze annos depois tratando-se de casar a joven princeza, esse facto deu causa a que as chancellarias da Europa trocassem activa correspondencia entre si e os embaixadores de França, Inglaterra e Portugal em Madrid tiveram que desenvolver toda a sua diplomacia para bem servirem os seus paizes.

Era em 1846 e a Hespanha obedecia á politica imposta pela França e pela Inglaterra e estas potencias intervinham nos mais insignificantes negocios d'aquelle paiz.

Foi, portanto, grande a preocupação dos governos d'aquellas duas nações quando em Hespanha se pensou em casar as filhas de Fernando VII, que então já eram duas, D. Maria Luiza e D. Izabel, depois rainha de Hespanha, com principes de Portugal.

D. Izabel deveria casar com o principe D. Pedro, depois rei, e D. Maria Luiza com o infante D. Luiz, tambem depois rei.

A Inglaterra e a França pozeram se em campo

contra estes casamentos, em que viam, pelo menos, a aliança dos dois paizes da Peninsula, por laços de familia, que lhes não convinha, e da lucta travada sabiu victoriosa a diplomacia de Luiz Filipe de França, cujo seu empenho era casar seu filho Antonio Maria Filipe, Duque de Montpensier com D. Maria Luiza por quem tinha grande inclinação.

Protestou o ministro inglez contra este casamento, por se considerar enganado pelo governo francez e tão celebre se tornou, que Chateaubriand tratando dos *casamentos francezes* se refere a este largamente.

A 10 de outubro de 1846 celebravam-se em Madrid, na mesma capela e no mesmo altar dois casamentos. Um o da rainha Izabel com D. Francisco de Assis; outro o de D. Maria Luiza com o duque de Montpensier.

D'este casamento nasceram sete filhos de que hoje só vivem dois: D. Maria Izabel Francisca de Assis e D. Antonio Maria de Bourbon.

D. Maria Izabel casou com o Conde de Paris e é mãe da Rainha a Senhora D. Amelia, pelo que a Senhora Duqueza Viuva de Montpensier é avó materna da Rainha de Portugal.

Tendo vivido em Paris, até a queda do throno de Luiz Filipe, veio com seu marido para Hespanha, onde fixou a sua residencia em Sevilha e Sanlucar de Barrameda.

São muitos os altos dotes de espirito e virtudes que ornam a illustre Senhora que se encontra hoje entre nós, e aqui lhe damos as boas vindas honrando as paginas do nosso periodico com o seu retrato e estas ligeiras notas biographicas.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

A CONGREGAÇÃO DO ORATORIO

(Continuado do numero antecedente)

Foi n'essa occasião que Bartholomeu do Quental e o seu inseparavel collaborador e amigo, padre Francisco Gomes, lançaram um ao outro as roupetas!

Ali a Congregação alargou a esphera da sua actividade entrando para ella os presbyteros Francisco Pedroso, Antonio Gallo, Diogo Curado, Antonio de Athayde e João Guarda, chamado pela sua actividade o *padre forte*.

Com estes poderosos elementos em breve se conheceu que o antigo e pequeno collegio dos dominicanos irlandezes era estreito e acanhado de mais para o devido desenvolvimento da Corporação, que precisava para os seus exercicios espirituales orbita mais ampla para se expandir. Era natural em uma congregação d'esta ordem.

A poucos passos do Collegio das Fangas da Farinha existia a igreja do Espirito Santo. Este edificio, que era situado na mesma rua, pertencia á irmandade dos homens de negocio. Havia sido fundado em 1270, mandado renovar em 1514 pelo rei D. Manoel, e reedificado em 1668. Os padres de S. Filipe Nery entraram em ajustes com aquella irmandade para lh'o cederem e vé-se que a questão, tratada, como era, com gente de negocio, chegou ao resultado desejado, porque em 1671 a irmandade fez cessão da igreja aos padres de S. Filipe Nery, começando n'esse anno a edificação do convento em uns terrenos adjacentes, edificação que em meados de 1674 já se achava concluida.

A este respeito diz o padre José Catalano:

«Deve-se relatar como cousa milagrosa que não tendo o veneravel padre para tão ardua empresa, que até aos ricos costuma aterrorisar outros cabe-das mais que os que lhe promettia a sua abra-sada confiança em Deus, principiou a obra com tal felicidade que em breve tempo a viu concluida concorrendo de todas as partes as esmolos tão consideraveis e frequentes que só em um sabbado pagou promptamente trezentas moedas de ouro e houve occasiões que subiu o pagamento a maior quantia. Tanta é a piedade da nação portugueza e seja d'eilla testemunha os grandiosos templos e outras insignes obras de caridade.

«Parecia que os devotos estavam avisados do Céu para ajudarem ao veneravel padre n'aquella obra, mandando se lhe tanta quantidade de dinheiro quantc pedia a necessidade.

¹ Idem.—Pedro Diniz: *Das Ordens Relig.* Cap. XX—J. B. de Castro: *Map. de Port.* Tomo II. Parte III. Cap. III. § XXIII.

² *Sum. das cousas de Lisb.* por Christ. Rod. d'Oliv., pag. 146.

I.º CENTENARIO DO REAL THEATRO DE S. CARLOS

«Sendo em certa occasião precisas ao veneravel padre cem moedas para satisfazer ao pintor da abobada da egreja, e vendo que as não tinha recorreu a Deus no Sacrificio da missa expondo-lhe a sua necessidade; eis que logo acabado o Sacrificio o procurou um creado do duque de Cadaval que lhe pediu accedesse em nome de seu amo a desejada quantia de dinheiro. Ficou admirado o servo de Deus e dando os agradecimentos ao duque mais se admirou quando soube que no mesmo dia em que lhe tinha sido mandadas as cem moedas recuperava a somma de cinco mil cruzados que elle reputava perdidos.»



PINA MANIQUE

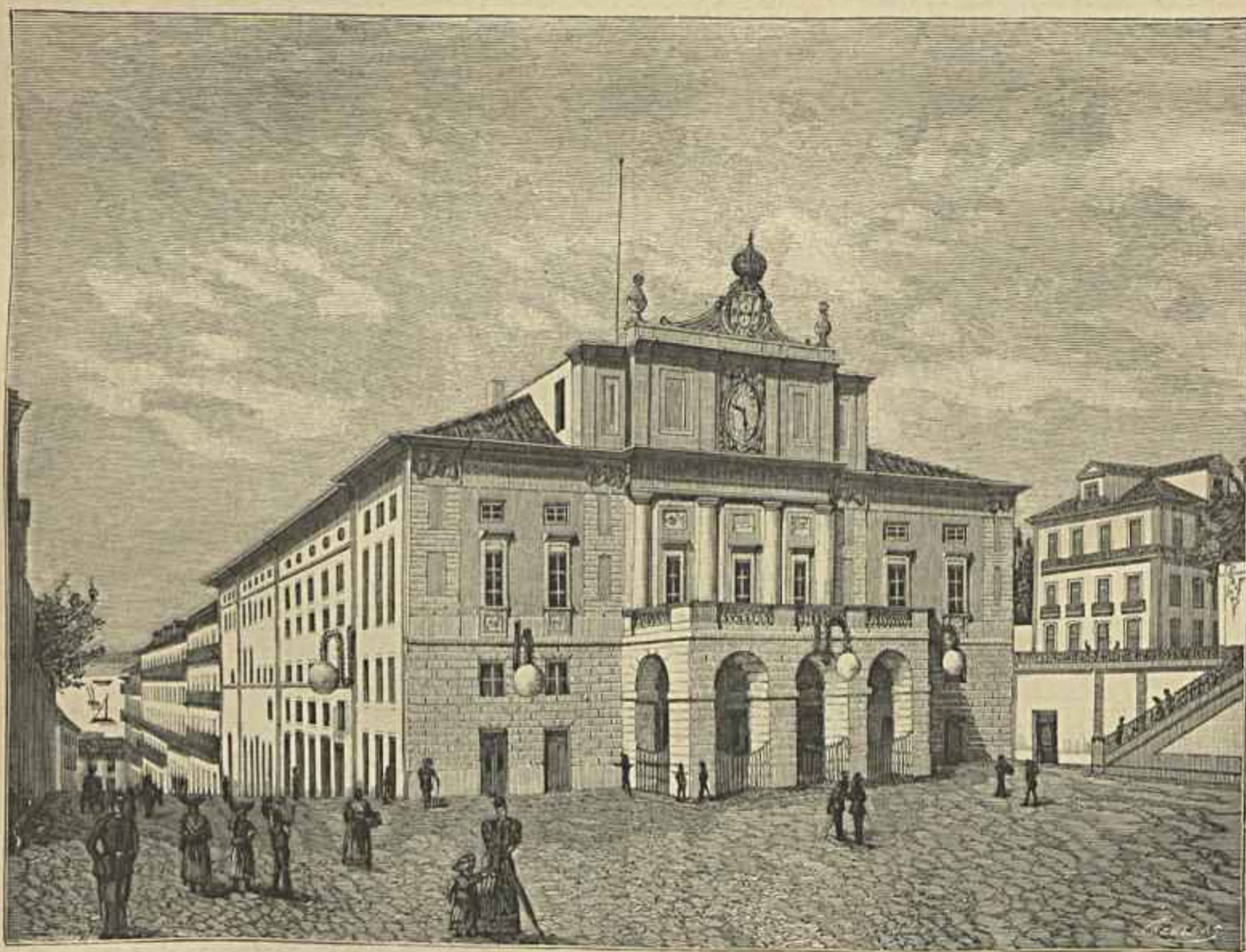
Assim se explica e concilia o que dizem o erudito auctor da *Geographia Historica* e o sabio João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*. Diz este que os padres da Congregação se mudaram para o Espirito Santo em 1674, entretanto que padre Caetano de Lima escreve que elles tomaram posse em 1671. Tanto um como outro tinham razão apesar de se contradizerem.

O que é fóra de duvida é que a Congregação se transferiu do velho collegio dos iriandozes para o convento do Espirito Santo no dia 15 de agosto de 1674, quinta feira da Assumpção de Nossa Senhora, sendo essa nova mudança — que, para lustre da corporação, ainda não seria a ultima — effectuada com uma solemne procissão em que levou o Santissimo Sacramento o bispo capellão-mór D. Luiz de Sousa

(depois cardeal e arcebispo de Lisboa) indo tambem o nuncio apostolico e todo o clero da capella real de tochas accesas. Acompanhavam a procissão os grandes da corte e o principe regente D. Pedro (depois rei segundo do nome) havendo por essa occasião pomposas festas religiosas, estando todo o dia o Senhor exposto e sendo visitada de tarde a gereja pelas pessoas reaes, o enviado apostolico D. Frei Christovão Almeida, bispo de Martyria, e muitos outros grandes personagens, e enorme concurso de fieis.¹

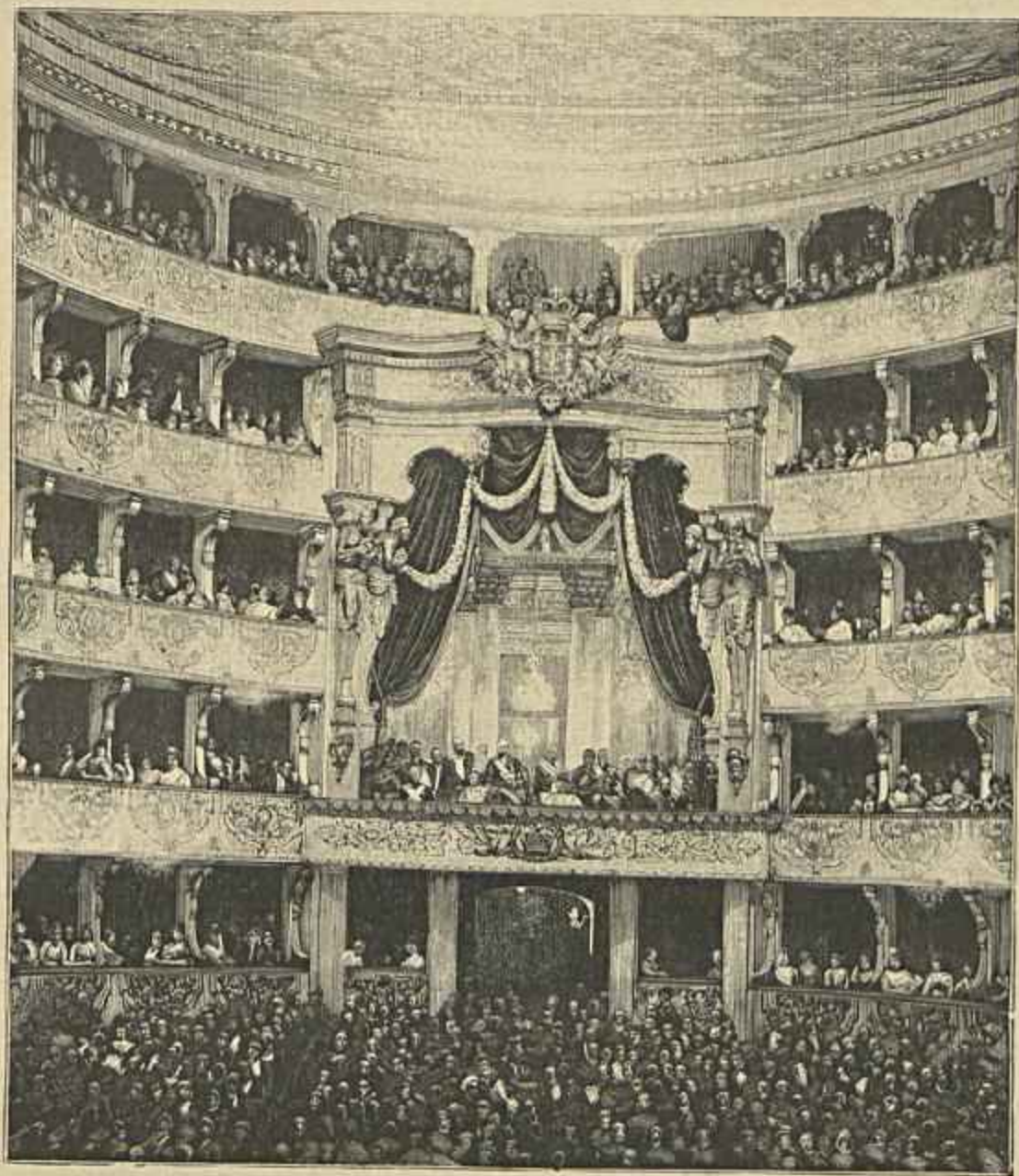
Foi d'ali que as casas da Congregação se propagaram pelo reino e ultramar, sendo a primeira em 1672 fundada pelo padre Francisco da Silva no lugar de Agua do Alto na provincia do Minho mudada depois para Freixo d'Espada-à-Cinta sob a invocação de Nossa Senhora do Villar. A segunda foi em 1680 na cidade do Porto sob a denominação de Oratorio de Santo Antonio pelos padres Manuel Rodrigues Leitão e João Lobo; a terceira em Braga em 1686 chamada dos Oratorianos de N. S. d'Assumpção instituida pelos padres José do Valle, Francisco Rodrigues, Manuel Borges e Manuel Marques; a quarta em Vizeu, em 1688 creada pelos padres José Caldas e Bartholomeu Monteiro; a quinta em 1697 na villa de Extremoz sob a invocação de N.

¹ *Gab. Historico de Claudio da Conceição*, Tomo V paginas 61-62 — *Anno Historico de P. M. Francisco de Santa Maria*, Tomo III, pag. 307-308 — *Vida do ten. B. do G.* por J. Catalano, etc.



REAL THEATRO DE S. CARLOS — VISTA EXTERIOR

(Desenho do natural por Cazellas)



REAL THEATRO DE S. CARLOS — VISTA DA SALA DE ESPECTACULO
(Cópia de uma photographia)

S. da Conceição, devida á iniciativa dos padres Manoel de Souza e José da Silveira; a sexta em Goa, em 1682, fundada pelo padre Paschoal da Costa Hieremias.

E, finalmente, a setima em Pernambuco devida ao zelo religioso do padre João Duarte do Sacramento, que depois foi nomeado bispo d'aquella diocese.

Todas estas casas dos chamados já a esse tempo *padres do Espirito Santo*, prestaram muitos e relevantes serviços aos estudos publicos e ás missões, e a esse respeito devemos particularisar a de Goa que se governou pelos estatutos dos oratorianos de Lisboa, sendo depois muito auxiliados os seus trabalhos pelo rei D. João V, que, apesar de o classificarmos de *rei fradesco*, devemos reconhecer n'elle o monarcha protector das letras e que contribuiu poderosamente para a revolução litteraria e scientifica que se operou no começo do seculo passado.

Dissémos acima que os estatutos dos padres do Espirito Santo serviram para mais estreitar os laços de confraternidade e de disciplina entre os doutos e benemeritos padres d'essa corporação.

As principaes clausulas do regulamento interno eram:

1.º — Defender publicamente no côro a Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora.

2.º — Implorar todos os dias o patrocínio da Senhora cantando-lhe a ladainha.

3.º — Rezar uma vez no dia um roزاریo dedicado á Virgem.

4.º — Nas sagradas missões recommendar a devoção á Virgem Maria como verdadeiro meio para conseguir a vida eterna.

5.º — Nunca sahir de casa sem primeiro se recommendar ao Santissimo Sacramento e a Nossa Senhora, nem recolher a casa sem pedir perdão a Deus do mal que consciante ou inconscientemente houver feito na ausencia.

6.º — Visitar os hospitaes, fazer a cama aos doentes, varrer as enfermarias etc.

7.º — Visitar os encarcerados, promover-lhes o arrependimento e procurar-lhes a salvação eterna.

8.º — Dar de jantar aos presos duas vezes ao anno: no Natal e na Ascensão do Senhor.

9.º — Amparar as orphãs, dotal-as, e procurar fazer d'ellas boas mães de familia.

O virtuoso padre Bartholomeu do Quental, como se vê, não esfriava no seu edificante proposito, quer no pulpito, onde se tornou dos maiores vultos do seu tempo pela sua eloquencia e engenhosa profundidade, quer no confessorio, quer emfim na cadeira de professor onde foi o assombro do corpo docente e de todos os seus educandos.

Tendo fallecido no convento de Xabregas, de uma hydropesia, a devota rainha D. Luiza de Gusmão, Bartholomeu do Quental teve a felicidade de achar no paço outro protector igualmente poderoso e não menos desvelado no culto divino, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, que, a expensas suas mandou fazer a capella de S. Francisco de Sales na igreja dos padres do Oratorio, e ainda depois d'esta fallecida, a rainha D.

Maria Sophia Isabel de Neoburg, segunda mulher d'el-rei D. Pedro II, que summamente affeiçãoada aos padres do Oratorio, nunca deixou de admirar as raras virtudes e exemplar conducta d'esses padres, bem como o zelo, a abnegação, a persistencia e a actividade do seu veneravel director.

E foi o zelo e actividade de Bartholomeu do Quental que omataram. As fadigas, a sua avançada idade, as privações a que a si proprio se impunha, lhe foram cavando a sepultura.

Duas vezes no anno — pelo advento e pela quaresma — ia elle passar alguns dias ao convento da Arrabida. Ali não affrouxavam os seus votos de humildade e de pobreza, levando noites successivas á cabeceira da cama dos enfermos, varrendo de manhã as enfermarias e entregando-se a outros muitos actos de caridade e penitencia.

Conta o padre Antonio Cordeiro, auctor da *Historia Insulana* — testemunho tanto mais insuspeito por vir d'um jesuita — que: «quando os *padres Quen'aes*, (pois assim eram conhecidos os oratorianos no seu tempo) se mudaram para a igreja do Espirito Santo, observou elle a Bartholomeu do Quental «*que aquelle edificio alem de ser muito apertado não tinha cerca, e pouetore agtan pouco confortavel para a congregação.*»

Ao que o padre Quental respondeu: — *Aqui ficamos á sombra do Espirito Santo e melhor não podemos ficar.*

Foi d'ahi que a congregação passou a denominar-se *dos Padres do Espirito Santo do Oratorio*.

Continúa)

Silva Pereira.

POESIAS DIVERSAS

A INDUSTRIA DAS RENDAS

Ao III.º Ex.º Sr.

DR. JAYME MAUFERRIN DOS SANTOS

TEXTO

PARABOLA DA ANGUSTIA

*Non est enim mortua,
sed dormit. (*)**S. Matheus.*

Prégava então Jesus em parte da Judéa ;
Ouvia-o mãe de angustia—e de que angustia!—cheia.
O Mestre ia ensinando ás multidões :

« Bemdictos,
Os que padecem na alma, os tristes, os afflictos... »

E a mãe, erguendo o olhar, que humedece do brilha,
Geme aos pés de Jesus, que a escuta: « Minha filha,
Desde hontem, Rabbi doce e compassivo, é morta;
Desde hontem, e ninguém desde hontem me con-
forta !

Tambem serei bemdicta? —

E o Mestre augusto e santo,
Com piedade igual ao trazo de tal pranto,
Responde-lhe :

« Verás ! »

E, antes de findo o dia,
Partiu com ella e entrou na casa, onde jazia,
No frio do sudario, a pequenina morta.

E em quanto a multidão, que o segue, attende á
porta,

Toma Jesus nas mãos a gelida mãosinha,
E, olhando sorridente a mãe, que mal sustinha,
Entre confiada e incerta, o pranto que vertia,
Diz-lhe: « Tua filha é viva, ó mãe, toma-a, dormia-
E viva a restitue a seu amor profundo.

Oh mães ! se inda Jesus andasse pelo mundo...

Jose de Sousa Monteiro.

À VIRGEM SANTÍSSIMA

Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna indizível anciadade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se se ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa !
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira.

QUIA ETERNUS

(A Joaquim de Araujo)

Não morreste, por mais que o brade á gente
Uma orgulhosa e vã philosophia...
Não se sacode assim tão facilmente
O jugo da divina tyrannia !

Clamam em vão, e esse triumpho ingente
Com que a Razão — coitada ! — se inebria,
E' nova forma, apenas, mais pungente
Da tua eterna, tragica ironia.

Não, não morreste, espectro ! o Pensamento
Como d'antes te encara, e és o tormento
De quantos sobre os livros desfallecerem.

E os que folgam na orgia impia e devassa
Ai ! quantas vezes, ao erguer a taça,
Param, e estremecendo, empalidecem !

ZARA (?)

Feliz de quem passou por entre a magoa
E as paixões da existencia tumultuosa,
Inconsciente, como passa a rosa,
E leve, como a sombra sobre a agua.

Era-te a vida um sonho: indefinido
E tenue, mas suave e transparente,
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido.

Anthero de Quental.

VERSIONE

PARABOLA DELL'ANGUSTIA

*Non est enim mortua,
sed dormit.**S. Matteo.*

Gesú un di predicava in terra di Giudea !
E una madre in gran duol—e qual duol!—l'intendea.
Il Máestro insegnava al popolo :

« Benti
Quei ch'hanno il cor piagato, i tristi, i tribolati... »

La madre alzando allor dal suol l'umide ciglia,
Geme al pié di Gesú, sclamando : « La mia figlia
Insin da ieri o Rabbi, dolce e benigno, é morta,
Da ieri, eppor nessun da ieri mi conforta !
Sarò beata anch'io ? »

E Gesú augusto e santo,
Con una pieta eguale al valor di tal pianto,
Le risponde :

« Vedrai ! »

E, pria che fosse sera,
Partí con essa, e entró nella casa dov'era
Nel freddo letto suo la fanciulletta morta.

E mentre chi lo segue aspèttalo alla porta,
Piglia in sua man Gesú le mani della spenta,
E, guardando la madre, che frenare stenta,
Tra fidente ed incerta, il pianto che appariva,
Dice : « tua figlia é viva, o madre, ella dormiva,
Préndila » E la dá viva all'amor suo profundo.

Madri! Se Gesú ancór andasse in questo mondo...

ALLA VERGINE SANTÍSSIMA

Piena di Graça, Madre di Misericórdia

In un sogno composto di incertezza,
Di nocturna e indiciabile ansietate,
Vidi lo sguardo tuo pien di pietate
E (piu che di pietate) di tristezza...

Non era il lampo di volgar bellezza,
E né il consueto ardor di fresca etate,
Era altra luce, era altra soavitate
Di che ignoro se si ha quaggiú contezza...

Un mystico soffrir... una ventura
Che dolcezza e perdón sol raffigura
E la pace di nostra ultima sera...

O vision, vision triste, e in un pietosa !...
Fissami cosí muta, e lacrimosa...
E lasciami sognar la vita intera.

PERCHÉ É ETERNO

(A Gioachino de Araujo)

Non moristi, benché il dica alla gente
Una altera e imbecil filosofia...
Non é sí fácil scuotere il potente
Giogo della Divina Signoria !

Gridano invano, e quel triónfo ingente
Che a sé la ragion — misera ! — attribua,
É nuova fórma, appena, e piu pungente
Dell'eterna tua tragica ironia.

No, non sei morto, o Nume ! il Pensamento
Tuttora ti investiga, e sei il tormento
D'ognun che sopra i libri intisichisce.

E chi nell'empia e oscena orgia gavazza
Ah ! quante volte, all'èrgere la tazza,
Sosta a un tratto, e tremando, impallidisce !

ZARA

Felice é chi tra le passioni e i lutti
Della nostra esistenza tumultuosa
Passó inconsciente, come é della rosa,
E lieve, come l'ombra sopra i flutti.

T'era la vita un sogno : indefinito
E tenue, ma soave e trasparente.
Ti svegliasti... hai sorriso... e dolcemente
Il tuo sogno interrotto hai proseguito.

Peragallo.

Querer arrancar á escuridão da história, alguns segredos que ella occulta no denso negrume que a envolve, é tarefa tão ardua como melindrosa. Quantas vezes um rastro, seguido com convicção, nos leva a ver desabar o que já havíamos construído, por termos minado uns fundamentos de que desconhecíamos a resistencia, a solidez que tão inherente deve estar a tudo o que se edifica.

Assim nos ha acontecido por repetidas vezes e só o fato a que visávamos nos poude revigorar de modo tal, que cobrassemos forças para encetar os trabalhos d'uma nova tarefa.

No presente escripto, o alvo a que mirávamos, o fito que queríamos atingir era dedicar este pequeno trabalho a V.º Ex.º nosso illustrado mestre — cujas lições proficientes foram para nós — humilde discipulo — incitamento forte a que trabalhássemos.

Digne-se V.º Ex.º ser mais uma vez benevolente para o discipulo-reconhecido que ousa, por este meio, patentear a sua admiração respeitosa e gratidão indelevel.

I

As rendas na antiguidade. As pretensões divinas, pagãs e profanas. Os Egypcios e os Phrygios. Os Anglos-Saxonios.

Não considerando a renda, desde o seu principio um tecido reticular e ligeiro, mas sim, uma especie de bordado muito delicado, podemos dizer que o seu uso se perde na immemorial antiguidade, pois que, na Biblia se falla de pannos de finissima tela com abertos, desenhos feitos á agulha¹, cujas côres eram o azul, a purpura e o escarlate.

D'outras telas, nos falla o livro santo, nas quaes se viam feitos, como que bordados, uns cherubins de factura finissima. As coifas, tambem citadas na Biblia, dão nos a convicção da existencia do tecido reticular, e esta forma de rede vê-se nos entrelaços do templo de Salomão. As figuras polygonaes apparecem aqui, porque o instincto o signal que nos impelle a fazer é um riscó e assim todas as composições das creanças e dos selvagens são traços bigonaes e trigonaes, com que estes ultimos embellezam os seus utensilios e armas.

No livro de Salomão, o terceiro rei dos judeus, esse rei cuja justiça e magnificencia são proverbiaes, diz se que, a filha do rei lhe seria apresentada com vestidos bordados. Notemos que estes bordados eram tão finos e tão cheios d'abertos, que melhor chamaríamos segundo a estrtura, *rendas*, mas segundo o trabalho, temos que chamar-lhe *bordados*, pois que eram feitos a agulha de bordar.

O poeta grego mais antigo, Homero², que floresceu no seculo X antes de Christo, n'um dos seus poemas, falla nos de veus, riquissimos em rendilhados, que a bella Helena levava ao templo de Minerva e depunha nos joelhos da deusa para acalmar-lhe a ira.

No *Exodo* cita-se Aholiab como um bordador d'abertos muito habil.

Sabe-se tambem que Arachné, mulher de Colophonte, trabalhava em bordados com tal perfeição que não duvidou propor um desafio, n'este ramo, a Minerva. Venceu Arachné; mas a deusa irritada bateu-lhe na cabeça com a sua naveta e transformou a em aranha, que, sendo em grego *Arachné*, fez com que a mythologia desse este nome á emerita bordadora.

O bordado deu origem á renda, porque no primeiro, quando aberto, ha que tirar e na renda ha que construir, de forma que, a simples inversão de factura, originou estas duas especies de tecido, notando contudo que a ultima é o verdadeiro tecido, unico, ao passo que o bordado é mais de um.

Era um tecido com abertos e bordados, a celebre teia com que a casta Penelope³ foi procrastinando a escolha dos seus pretendentes.

¹ As agulhas não são um invento moderno; eram conhecidas e uzadas desde a mais remota antiguidade no Egipto, na India e no Oriente. Os mahometanos creem que Henoch, filho do patriarcha Jared, inventou a agulha. As primeiras agulhas fabricadas na Europa foram por um indio que se estabeleceu em Inglaterra, em 1545 o processo d'esta manufactura perdeu-se com a morte do indio, e só se sabia que constava de 24 operações diferentes, contudo em 1560 Christovão Greening, achou-o.

² Os poemas d'este grande amyrrneae, segundo a opinião d'alguns sabios criticos, são anteriores á invenção da escripta e foram por muito tempo conservados de memoria; os rapsodistas truncaram-os e aproveitaram os melhores episodios para os recitarem. Hipparco, filho de Pisistrato, coordenou os diferentes trechos e os maiores sabios da antiguidade, taes como Aristoteles e Aristarco que os dividiram em 24 cantos e lhes deu a forma em que hoje os possuímos.

(*) Idem.
(*) Epitáfio sobre o tumulo de Zara, irmã do Ex.º Sr. Joaquim de Araujo.

Os Egypcios² nas suas pinturas tumulares, representavam-se vestidos com o mais rico fato e esse era como uma rede, feito a *crochet* e bordado nas extremidades com pequenos arabescos coloridos e metalizados de ouro e prata.

Os Phrygios eram tão destros n'esta arte que, em certas epochas, todo o bordado rendilhado, fino e bonito, era chamado *opus phrygianum*.

Parece que, tambem os Romanos trabalharam em rendas e isto porque entre as antiguidades de Portici appareceu uma elegante estatua de marmore, representando Diana, vestida como as damas romanas, e o vestido é orlado com uma renda cujo ponto é inteiramente semelhante ao moderno, a largura era de pollegada e meia e estava pintada de vermelho.

Os fatos dos *Anglos-Saxonios* eram notaveis pelo brilho dos seus bordados a ouro e prata. A fama do *opus anglicanum* chegou até Roma e os reis de Inglaterra n'uma peregrinação feita á cidade eterna não se esqueceram de levar ao Summo Pontífice, alguns fatos bordados pelas damas da sua corte.

Como prova d'estes trabalhos, sabemos da existencia da capa e do manipulo de S. Cuthbert, peças estas, que se encontraram no tumulo d'esse santo, que estava na bibliotheca do capitulo de Durkam e d'ahi se trouxeram ha alguns annos para Paris. Um dos mais notaveis escriptores da França diz, referindo se a estas peças: «a belleza dos bordados e rendilhados excede toda a descripção.» Um dos lados do manipulo é guarnecido por rendas de ouro! e mais parece trabalho de fadas, que de simples mortaes.

Esteves Pereira.

OS MEUS LIVROS

XXV

Dissemos, no nosso anterior artigo, que o livro *Notas para a Historia do Ceará* escripto por Guilherme Studart, era a historia da America Portuguesa na segunda metade do seculo XVIII, e dissemos a verdade.

A interpretação dos factos, umas vezes pela tradição — que nem sempre falha — outras, por uma copiosa somma de documentos publicados, dão a este livro, de mais de quinhentas paginas, a forma de um perfeito elocidiario sobre a America portugueza.

O sr. dr. Guilherme Studart, que, alem de professor notavel e distincto medico, é um escriptor de estylo fluente, recentindo-se d'aquella dolencia tão característica no povo brasileiro, e que longe de prejudicar a obra a torna ainda mais sympathica. Por isso que do livro do dr. Studart resumbra a verdadeira sinceridade; não ha ali uma *ficelle*, d'essas que encantam enganando, porque o seu trabalho baseado na sciencia e no amor, só visa a Verdade e por isso a Justiça.

É quasi necessario ser omnisciente para, em um só volume tratar com a profundidade requerida a historia do sólo, do habitante, e dos factos, que com um e outro se relacionam.

O livro é dividido em dez capitulos onde se faz a historia completa da nossa administração na America, segundo os usos e conhecimentos do seculo XVIII.

E como n'aquella epocha, com toda a razão, era o elemento religioso indispensavel collaborador na administração dos povos, demonstraremos a importancia que o padre tinha n'aquelle tempo e como elle sabia cumprir a sua senta missão.

Em prova do que dizemos, vamos brindar os nossos leitores com um trecho do mesmo livro:

«Nada conheço peor que um homem escravizado por theorias religiosas, idéas philosophicas, ou questões sociaes d'esta ou d'aquella ordem. O partidario faz martyres, mas para haver martyres são precisos os verdugos. Ora Pombal era um fanatico em materia politica e em religião, e, sendo o mais forte, porque dominava e eclipsava o proprio rei, não seria victima; e as victimas o mundo todo as conhece.

«Pouco importava lhe que as paginas da historia do seu paiz e das colonias estivessem cheias dos feitos d'esses missionarios, que sacrificava. No Brazil por exemplo, quantos serviços prestaram! Revoltam-se os indios do sul e põem em eminente perigo a vida e a propriedade dos colonos, mas

irão Nobrega e Anchieta ao seio d'elles e lhes trocaram o odio em amistosas relações; é infructifera a expedição de Pero Coelho, mas virão logo apoz os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, dos quaes um succumbirá ás mãos dos Tocarijus, regando o solo cearense com o sangue precioso de suas veias, e o outro irá perder a vida, tão proveitosa a Deus e á Patria, aos golpes dos Arauans depois de immortalisar se pela abnegação e ardor generoso em roubar á morte seus companheiros de naufragio; Malagrida extenua-se levando a palavra de boa nova pelas florestas do Maranhão, que o acclama seu Apostolo, e conduz o zelo que o consome, desde Cametá até á Bahia, lançando em varios logares os alicerces de seminarios e de casas de caridade; pelos labios harmoniosos de Aspiciueta Navarro canta a voz da religião hymnos ternos e agradaveis ao ouvido selvicola vencido. Antonio Vieira domina os contemporaneos na altura de suas faculdades e aptidões privilegiadas e até nas locubrações que o juiz erroneo de alguns acouma de quedas de sua intelligencia, aventa problemas de alta politica em rasgos de sagacidade de bom partidario, que elle era, da rainha D. Luiza; os rios brasileiros são atravessados em todas as direcções pelos igratés do pagé branco, que armado tão somente da palavra e do crucifixo penetra no mais espesso da floresta e no mais invio sertão á cata do selvagem, e só depõe o bastão de caminheiro, quando o tem conquistado para a civilisação e para as luzes do Evangelho; Belchior de Azevedo vê se perdido ante o poder de duas naus francezas prestes a apoderar-se da villa de Victoria, mas o jesuita Braz Lourenço sahe-lhes ao encontro á frente de 400 indios frecheiros, desbarata as invasoras, que fogem precipitadamente; por toda a parte realisan os missionarios prodigios de amor do proximo, feitos patrioticos, a cada canto recua a barbaia ante elles.»

E assim era. O padre fazia o bem só para servir a Deus, sacrificando a vida sempre que o bem geral o reclamava; e praticavam-no com uma tal simplicidade que só tinham echo, esses feitos heroicos, nos peitos d'aquelles que tambem os acompanhavam no sacrificio, por Deus e pela Patria.

Repetimos é obra de tomo e onde quem tiver a felicidade de lê-la, tem muito que aprender.

A sua ex.^a o sr. dr. Guilherme Studart, que nos fez a honra de enviar o seu valioso trabalho, acompanhado de tão imerecida dedicatória que estimamos sobre todas, porque nunca nos foi possível conhecer pessoalmente homem tão erudito e tão considerado nas grandes capitães da Europa — a sua ex.^a o nosso sincero agradecimento.

*

* * *

Da acreditada casa Guillard, Aillaud & C.^a recebemos os *Elementos de botanica* (1.^a e 2.^a parte do curso dos lyceus). É um excellente livro escripto pelo sr. Antonio Xavier Pereira Coutinho.

Compõe se o volume de trezentas paginas, nitidamente impresso e traz duzentas e trinta e seis gravuras intercaladas no texto.

O livro pelo preço de mil réis é baratissimo porque alem do valor litterario e scientifico é uma edição que honra a casa Guillard, Aillaud & C.^a.

*

* * *

No proximo artigo trataremos do drama historico *O saio de malha* em 5 actos de Sebastião Pereira da Cunha, offerta que muito agradecemos a este primoroso poeta.

Manuel Barradas.



REVISTA POLITICA

Não se pôde dizer que Portugal esteja falho de patriotas, quer estes ponham o credito do paiz pela rua da Amargura, quer procurem, com o mais evangelico desprendimento, fazer presente da independencia da patria ao leão de Castella.

Os primeiros, querendo passar por espertos, mesmo por perspicazes, que vêem ao longo com a mesma facilidade com que se vêem ao espelho, deitam Saragoçano e marcam com a precisão de um chronometro a bancarrôta do thesouro portuguez para o anno que vem.

Os segundos, animados do mais ardente amor patrio, vendo a patria á beira do abysmo, preten-

dem salvar-a com uma heroicidade que faz estremecer em suas campas os heroes de 1640, entregando-a ao estrangeiro, visto não se acharem com forças de a levantarem.

Tudo demencia e mais nada.

Ora muito bem, senhores patriotas.

O sr. conselheiro José Dias Ferreira, ex presidente do conselho, tinha prestado muito melhor serviço ao seu paiz, se em vez de vir ao parlamento fazer vaticinios saragoçanos de que para o anno teriamos a bancarrôta do thesouro, tivesse aproveitado a sua estada no poder para dotar o paiz com leis sabias e justas que prevenissem esse futuro tenebroso que sua ex.^a vê tão perspicazmente.

Sua ex.^a acha mau o que o actual governo está fazendo para equilibrar as finanças do thesouro. Logo é porque sabe de coisa melhor para se conseguir aquelle fim. Mas porque é que não pôz em pratica essa coisa melhor e salvou da ruina o thesouro?

Pois não servia assim muito melhor a sua patria e a sua consciencia?

Com que fim veio sua ex.^a ao parlamento declarar que a bancarrôta estava eminente no proximo anno, declaração de tanto peso feita por um ex-presidente do conselho.

Sim, sua ex.^a calculou bem o valor d'essa declaração?!

Uma declaração similhante, feita por um ex-presidente do conselho de qualquer paiz, por um Salisbury, Canovas, Crispi ou Bismark, seria de um effeito terrível, um signal de alarme das mais desastrosas consequencias, que não podemos crer o sr. José Dias Ferreira tivesse em mente promover.

Mas não sendo esse o seu fim é porque reconhece que as suas palavras, no parlamento, não tem o mesmo peso que tem as de qualquer estadista ex-presidente d'um governo em França, Inglaterra, Hespanha, Allemanha ou outro qualquer paiz regularmente governado, e n'esse caso para que fez declaração tão grave, que pôde fazer mal sem resultar bem nenhum.

Quem deu tantas provas de incapacidade no seu governo não tem auctoridade para avançar prophcias. Para propheta basta o Saragoçano e este tem feito muitos soffríveis *fiaseos*.

Resta nos fallar dos outros patriotas que foram a Badajoz tomar logar n'um *meeting* republicano realizado no theatro *Lopez de Ayala*.

Uns ingenuos estes patriotas republicanos portuguezes a quem faltava dar mais esta prova de fraqueza e de demencia.

O caso fica abaixo de toda a critica, e até nos parece demasiada a importancia que a imprensa monarchica lhe tem dado.

A nós affigura se nos a coisa mais original d'esto mundo, o modo como os patriotas republicanos querem salvar a patria, entregando a á Hespanha em republica federal.

Como elles pugnam pela independencia nacional pondo a sob um governo extranho.

Não fazem esforços para levantar a nação do abatimento em que está utilisando-lhe as forças e recursos que tem. Isso não presta, não vale nada.

A nação levanta-se e afirma a sua historia e vitalidade, submettendo se ao governo de estrangeiros e riscando o seu nome da lista das nações livres.

Assim é que é, e os portuguezes que pugnam por estes principios é que são os verdadeiros patriotas.

Os que mourejam por conservar a autonomia da patria e procuram n'ella os proprios recursos para a elevarem, esses é que são os traidores.

Os Christovãos de Moura, Migueis de Vasconcellos e outros quejandos, tambem assim pensaram.

Que triste e irrisorio espectáculo estamos dando ao mundo!

Mas quem encommendou a estes patriotas o sermão; quem os constituiu procuradores para salvar o paiz de fórma tão original?

Estes patriotas até nos faz lembrar uma historia muito comica.

Ahi vae.

Nos arrabalde de Lisboa vivia um homem rico, em casa do qual se reuniam frequentes vezes numerosos amigos a banquetear-se.

O Simões era um dos mais intimos e que tomava maiores bebedeiras.

De uma vez, estando sufficientemente borracho, concebeu um plano sublime e para o pôr em pratica muniu-se de ramos de carqueja de petroleo, que distribuiu por varios cantos de casa, quando o surprenderam n'esta sua tarefa.

— Para que é isso, perguntou espantado o dono da casa.

— Deixa-me, dizia o Simões radiante. Sou teu

² E' bom notar que os Egypcios foi o povo do mundo que primeiro se civilizou, tem a indole da grandeza e já em 2450 annos antes de J. C. tinham instituições e leis notaveis.

amigo a valer e quero dar-te uma prova do que sou capaz de fazer por ti.

— O que tu queres é largar fogo á casa.

— Adivinhaste, exclama o Simões no auge do maior entusiasmo. A casa incendia-se e tu corres perigo de morrer queimado. Eu então metto-me ás chammas e salvo-te!!

Estes patriotas federalistas estão se parecendo extraordinariamente com o Simões borracho.

E agora para concluir lá vae um dito de espirito que um d'estes dias ouvimos, em Almada.

O sr. conselheiro José Dias Ferreira ia a caminho da sua quinta dos Bichos.

Casaco de linho, chapéu de palha, luvas e umas calças muito curtas.

Alguem nota as calças curtas.

— Não admira, observa outro, se elle lhe tirou trinta por cento.

João Verdades.

NECROLOGIA

GOMES DE SOUZA JUNIOR

A redacção d'este jornal não pode deixar de concorrer com o seu voto dorido na homenagem prestada ao seu collega do *Reporter*, Francisco Maria Gomes de Sousa Junior, que a morte surpreendeu logo no primeiro alvôr da sua fecunda intelligencia e do seu alto e generoso caracter.

Gomes de Sousa Junior soube, em tão curtos annos, radicar no coração d'aquelles que o conheciam um traço de amizade inapagavel. E foi por isso que a noticia do seu fallecimento passou por todos nós como uma corrente lugubre de magua, despertando um sentimento geral de saudade e de tristeza. As altas qualidades que o ennobreciam como que tornavam os seus amigos mais ou menos solidarios das suas esperanças e dos seus desalentos. E ao vel-o assim prostrado subitamente, victima de um typho attribuido á incuria municipal, todos nós soffremos a mesma surpresa e a mesma amargura.

Das palavras que então o *Reporter* lhe dedicou extrahimos os seguintes trechos: «A biographia de Gomes de Sousa, tão curta, quanto era curta a sua idade, tem ainda assim valiosos exemplos de notaveis virtudes! O seu caracter possuia uma alta integridade, que a todos se impunha, desde que uma vez o conheciam. Como amigo, tinha a religião da fidelidade e da dedicação. Era uma d'estas almas sentimentaes e boas, sempre norteada pelo intuito generoso do Bem e do Dever!

Intellectualmente, o seu espirito ficou assignalado em varias produções litterarias e jornalista de merito. Foi collaborador da *Gazeta de Portugal*, desde a sua fundação; e como a empreza d'aquelle jornal lhe comprehendesse desde logo o seu grande valor, convidou-o pouco depois a fazer parte da redacção effectiva. Gomes de Sousa accitou o encargo e quando o sr. Serpa Pimentel, então director da *Gazeta de Portugal*, foi encarregado de organizar o ministerio de janeiro de 1890, a empreza convidou o nosso saudoso amigo a assumir o logar de secretario d'aquelle redacção. Foi n'esse periodo que Gomes de Sousa publicou alli varios artigos politicos, sendo alguns d'elles (e basta isto para caracterisar o seu valor) attribuidos ao sr. Antonio de Serpa. E' que Gomes de Sousa era dotado d'um lucidissimo espirito, orientado por um alto e são criterio.

Como litterato, deixa tambem Gomes de Sousa, em muitos jornaes, um grande numero de produções valiosas, tanto em prosa como em verso, que assignava sempre com pseudonymos differentes, circumstancia que fez com que o seu nome não tivesse a popularidade a que de justiça tinha direito. E' que, sobre todas as virtudes que ennobreciam o seu caracter, Gomes de Sousa era principalmente um modesto, mas d'essa modestia que, longe de ser, como em muitos, um disfarce contrafeito e pretencioso da vaidade, era mais um symptoma do seu retrahimento, da despretenção do seu real valor.

Foi tambem um dos proprietarios e redactores da *Noite e do Portugal*. E no *Reporter*, de que Gomes de Sousa era actualmente um dos proprietarios, o seu trabalho representou sempre um elemento poderoso e fecundo, quer no serviço meramente administrativo, quer como nosso collega

na redacção d'este jornal, em que muitas vezes a sua penna cooperou valiosa e valorosamente.

Para nós, que tinhamos por esse companheiro de trabalho a dedicação que é para as almas generosas a unica recompensa affectiva d'essa mesma generosidade, a morte de Gomes de Sousa foi uma surpresa exactica e dolorosissima. Dada mesmo a gravidade da sua doença terrivel, ao nosso espirito repugnava acreditar que pudesse morrer assim, aos 27 annos, e em toda a plenitude da força e da vida, um homem cheio de aspirações legitimas e de nobres ideas, que tinha pela familia um fervor de paixão religiosa, que tinha pelos amigos uma dedicação desinteressada e alta, e cujo plano de existencia era firmado sobre os mais puros principios de esforçado trabalho e fidalga rectidão.

Nenhum de nós, os seus companheiros de trabalho quotidiano, os seus amigos, fazendo exame de consciencia, e inquerindo até ao mais intimo da nossa alma sobre o que foi para nós esse rapaz de tão elevadas qualidades, nenhum de nós encontrará o mais tenue resentimento, o mais fugidio traço que demarque a mais leve animadversão.

Espirito conciliador, contrario á intriga, incapaz d'uma deslealdade ou d'uma aspera reserva, os



GOMES DE SOUZA JUNIOR

FALLECIDO EM 8 DE JUNHO DE 1893

seus actos obedeciam sempre a um ponto de mira — o cumprimento do dever — e a uma inspiração — a generosidade.

Por isso, na sua morada eterna, onde nós todos fomos deixar um dolorosissimo adeus de despedida, não de acompanhal o a nossa saudade e a nossa gratidão, como um côro de preces a ungir-lhe a memoria amada!



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio dos Actos da Direcção da Associação Commercial do Porto, no anno de 1892; apresentado á assembleia geral, em sessão de 29 de abril de 1893, sendo 1.º secretario Dr. Carlos Ferreira Meneses. Porto, Typographia do «Commercio do Porto»; 1893.

Este relatorio está proficientemente redigido e muito interessante para os que estudam as questões commerciaes. Com prazer encontramos a louvavel e acertada medida que tomou a direcção da Associação fazendo enviar ao grande certamen de Chicago, alguns productos portuguezes, dos mais estimados e considerados. Fazendo mais, que os vinhos ali se exhibissem da melhor fórma possi-

vel a toda a attenção a que tem direito. Não devemos deixar esquecida a noticia de que o benemerito commerciante portuense o Ex.^{mo} Sr. J. H. Andresen fez offerta gratuita do valiosissimo auxilio de transporte dos objectos destinados á Exposição de Chicago pondo á ordem da Associação o seu bello Vapor D. Maria, navio de que demos noticia no nosso numero 505, no presente volume.

A Patria, poemeta, (segunda edição ampliada). Typographia editora do jornal o *Campeão Popular*. No numero 503 referimo-nos á primeira edição d'este formoso poemeta. Os pequenos poemas que ampliam a nova edição em nada desmerecem do antigo poemeta. São dignos do poeta inspirado que os escreveu e que se nos revela um patriota em quem reside vontade, e talento, sabendo sentir e exprimir, qualidades estas que devem fazer triumphar o talentoso auctor o Ex.^{mo} Sr. Manuel Augusto d'Amarel.

A Alfredo Keil, recorde di Torino. Um cartão primorosamente photo-lithographado na casa Doyen, successores, em Turim. Vê-se no angulo direito, superior as armas da cidade de Lisboa cujo escudo tem a corôa mural. Mais abaixo uma paleta sobre a qual estão as tintas e o retrato do illustre maestro portuguez, á direita e inferior á paleta dois lindos quadros do distincto musico e illustre pintor. Ainda acima da paleta na parte superior do cartão, uns excerptos da opera *Irene*, um pandeiro, uma lyra e os pinceis saindo do orificio da paleta.

Este lindo cartão foi offerecido ao nosso amigo, na recita d'auctor, quando poz em scena a sua bella opera *Irene*. Foi uma homenagem muito gentil e digna. Agradecemos o exemplar e amavel dedicatória.

A Eleição de Thomar (circulo n.º 85). Allegação publica do Conde de Burnay. Lisboa. Typographia da Companhia Nacional Editora, 1893. Recebemos este folheto cuja questão teve a habilidade de se tornar um assumpto d'alto interesse politico. Isto prova quanto o sr. Conde de Burnay se tem apossado da attenção publica interessando-a com a celebre disputa á sua eleição que terminou, como se sabe, com a renuncia d'este illustre titular.

A Agricultura Nacional. *Jornal de propaganda agricola redigido e collaborado por agricultores, agronomos, sylcultores e veterinarios.* Director — A. C. Le Coeq, proprietarios: Salvador Gamito & C.ª Temos presente o numero 1 do primeiro anno, o qual é selectamente collaborado, distinguindo-se o artigo do Ex.^{mo} Sr. Gerardo Pery illustre cartographo a quem a chographia portugueza muito deve.

Ha tambem escriptos muito apreciaveis dos Ex.^{mos} Srs. Francisco Simões Margioch, Le Coeq, Villarinho S. Romão, Joaquim Belford, Freire de Campos e Saravia.

O governo civil de Villa Real (apontamentos de uma administração por Candido de Figueiredo). — Lisboa — 1893. Recebemos este folheto em que o nosso illustre collega, relata os factos mais salientes da sua administração. Precede este trabalho, uma carta dirigida ao sr. Conde de Gabral. Seguem-se alguns documentos curiosos, que fazem com que o folheto se leia com algum agrado.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já entraram no prelo as primeiras folhas d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo — Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.